

## Um Ensaio Sobre o Radicalismo Aristocrático<sup>1</sup> (Introdução e Capítulo 1)<sup>2</sup>

Georg Brandes<sup>3</sup>

Tradução de Thiago Kistenmacher Vieira\*

Friedrich Nietzsche parece-me o mais interessante escritor da literatura germânica da atualidade. A despeito de pouco conhecido mesmo em seu próprio país, ele é um pensador de ordem superior, digno de ser estudado, discutido, contestado e dominado. Dentre várias boas qualidades, ele tem a de transmitir seu humor aos outros e colocar seus pensamentos em movimento.

Durante um período de dezoito anos, Nietzsche escreveu uma longa série de livros e panfletos. A maioria dos volumes consiste em aforismos e, desses, a maior parte, bem como a mais original, dedicam-se aos preconceitos morais. Nesta área, encontrar-se-á sua duradoura importância. Entretanto, além disso, tratou dos mais variados problemas; escreveu sobre cultura e história, sobre arte e mulheres, sobre companheirismo e solidão, sobre o Estado e a sociedade, e sobre a luta e a morte da vida.

Ele nasceu no dia 15 de outubro de 1844, estudou Filologia e, em 1869, tornou-se professor de Filologia na Basileia. Conheceu Richard Wagner, ligou-se fervorosamente a ele e associou-se também ao distinto historiador da Renascença, Jacob Burckhardt. A admiração e afeição de Nietzsche por Burckhardt foram permanentes. Seu sentimento por Wagner, por outro lado, sofreu uma reviravolta completa ao longo dos anos. Ele foi o profeta de Wagner, mas tornou-se seu mais passional oponente.

Nietzsche foi sempre um músico de alma e coração; ele até se aventurou como compositor em seu *Hino à Vida* (para coral e orquestra, de 1888), e seu trato com Wagner deixou profundos traços em seus primeiros escritos. Contudo, a ópera *Parsifal*, com sua tendência ao catolicismo e sua promoção do ideal ascético, que, antes, era inteiramente estranho a Wagner, fez com que Nietzsche visse no grande compositor um perigo, um

---

<sup>1</sup> “A expressão ‘radicalismo aristocrático’, que você emprega, é muito boa. É, permita-me dizer, a coisa mais inteligente que já li sobre mim.” NIETZSCHE, Friedrich. 2 de dezembro de 1887. [N. do A.].

<sup>2</sup> A presente tradução parte do livro *An Essay on Aristocratic Radicalism*. Cf. BRANDES, Georg. *An Essay on Aristocratic Radicalism*. New York: The Macmillan Company, 1915.

<sup>3</sup> Georg Morris Cohen Brandes (1842-1927) foi um crítico literário dinamarquês, atuou como professor na Universidade de Copenhague e foi o primeiro a fazer preleções a respeito do pensamento de Nietzsche, com o qual, inclusive, trocou diversas correspondências [N. do T.].

\* Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: tkv1986@gmail.com

inimigo, um fenômeno mórbido, visto que essa sua última obra lhe mostrou todas as óperas anteriores sob uma nova luz.

Durante o tempo em que morou na Suíça, Nietzsche conheceu um amplo círculo de pessoas interessantes. Ele sofreu, todavia, de dores de cabeça extremamente fortes, e tão frequentemente, que elas, em um ano, o incapacitaram por cerca de duzentos dias, levando-o quase que à sepultura. Em 1879, renunciou ao cargo de professor. De 1882 a 1888, seu estado de saúde melhorou, embora muitíssimo lentamente. Seus olhos estavam ainda tão fracos que ele foi ameaçado pela cegueira. Foi obrigado a ser extremamente cuidadoso com seu modo de vida e escolher seu local de residência obedecendo às condições climáticas e meteorológicas.

Usualmente, passava o inverno em Nice e o verão em Sils-Maria, na Alta Engadina. Os anos de 1887 e 1888 foram surpreendentemente produtivos; viram a publicação das mais notáveis obras de natureza amplamente diferentes e a preparação de toda uma série de novos livros. Então, ao final do último ano, talvez como resultado de um sobrecarregamento, um violento ataque de transtorno mental ocorreu, e do qual Nietzsche nunca se recuperou.

Como pensador, seu ponto de partida é Schopenhauer; em seus primeiros livros ele é, de fato, seu discípulo. Mas, após vários anos de silêncio, durante os quais passou por sua primeira crise intelectual, ele reaparece emancipado de todos os laços de discipulado. Desse modo, passou por um desenvolvimento tão poderoso e rápido — menos em seu próprio pensamento do que na coragem para expressá-los — que cada livro posterior marca uma nova etapa, até que, aos poucos, ele se concentra em uma única questão fundamental: a questão dos valores morais.

Em sua primeira aparição como um pensador, ele já havia tomado parte em um protesto em oposição a David Strauss, contra qualquer interpretação moral da natureza do cosmos, e atribuiu à nossa moralidade seu lugar no mundo dos fenômenos, ora como aparência ou erro, ora como arranjo artificial. E sua atividade literária atingiu seu mais alto ponto em uma investigação sobre a origem dos conceitos morais, enquanto sua esperança e intenção era dar ao mundo uma crítica exaustiva dos valores morais, um exame do valor desses valores (considerados como cabalmente fixados). O primeiro livro de sua obra *A Transvaloração de Todos os Valores* foi finalizado quando sua doença irrompeu.

## I

Nietzsche, primeiramente, recebeu bastante atenção, embora não muitos elogios, por conta de seu panfleto cáustico e juvenil contra David Strauss, ocasionado pelo livro deste último intitulado *A Velha e a Nova Fé*<sup>4</sup>. Seu ataque, de tom irreverente, é dirigido não contra a primeira seção bélica do livro, mas contra sua seção construtiva e complementar. O ataque, no entanto, dirige-se menos ao outrora grande crítico do que com a mediocracia na Alemanha, para a qual a última palavra de Strauss representou a última palavra da cultura em geral.

Havia se passado um ano e meio desde o fim da Guerra Franco-Prussiana. Nunca as ondas da autoestima alemã estiveram tão altas. A exultação pela vitória havia se transformado em uma tumultuosa autoglorificação. A visão universal era de que a cultura alemã havia sobrepujado a francesa. Então, essa voz se fez ouvir, dizendo —

Admitindo que isso foi realmente um conflito entre duas civilizações, não haveria ainda razão para coroar a vitoriosa; deveríamos, em primeiro lugar, saber quanto valia o vencido; se seu valor era muito pequeno — e é isso o que é dito da cultura francesa —, então não houve grande honra na vitória. Porém, não pode haver dúvida, nesse caso, de uma vitória da cultura alemã; em parte porque a cultura francesa ainda persiste, e em parte porque os alemães, agora, como antes, dela dependem. Foi a disciplina militar, a bravura natural, a resistência, a superioridade da parte dos líderes e a obediência da parte dos liderados, enfim, *fatores que nada têm a ver com a cultura*, que deram a vitória à Alemanha. No entanto, por fim, a cultura alemã não foi vitoriosa pela simples razão de que *a Alemanha ainda nada possui do que possa ser chamado de cultura*.

Fazia somente um ano desde que o próprio Nietzsche tinha formado as maiores expectativas com relação ao futuro da Alemanha, tinha ansiado por sua rápida libertação das principais amarras da civilização latina, e ouvido os mais favoráveis presságios da música alemã.<sup>5</sup> O declínio intelectual, que lhe parecia — com razão, sem dúvida — ter ocorrido indiscutivelmente desde a fundação do império, agora o fazia opor um implacável desafio ao sentimento popular predominante.

---

<sup>4</sup> Este livro, originalmente intitulado *Der alte und der neue Glaube*, foi publicado por David Strauss em 1872. [N. do T.].

<sup>5</sup> O autor faz referência às partes finais do livro *O Nascimento da Tragédia*, nas quais Nietzsche demonstra sua esperança de renovação da cultura e do mito alemão. Cf. por exemplo, NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*; tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. — São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (GT/NT a seção 19 (KSA 1.120-29)). [N. do T.].

Ele sustenta que a cultura se mostra acima de tudo o mais em uma unidade do estilo artístico que perpassa cada expressão da vida de uma nação. Por outro lado, o fato de ter aprendido muito e saber muito não é, como ele aponta, nem um meio necessário para cultura, nem um sinal de cultura: isso está notavelmente de acordo com o barbarismo, isto é, de acordo com a falta de estilo ou heterogênea miscelânea de estilos. E sua alegação é simplesmente esta: de que com uma mistura de culturas é impossível subjugar qualquer inimigo, sobretudo um inimigo como os franceses, que há muito possuem uma cultura genuína e produtiva, quer lhe atribuamos menor ou maior valor.

Ele apela a uma declaração de Goethe a Eckermann: “Nós, alemães, somos de ontem. Sem dúvida, nos últimos cem anos, cultivamos a nós mesmos muito diligentemente, mas talvez ainda leve alguns séculos até que nossos compatriotas tenham absorvido suficiente intelecto e cultura superior para que deles se diga que há muito que foram bárbaros.”<sup>6</sup>

Para Nietzsche, como se vê, os conceitos de cultura e cultura homogênea são equivalentes. Para ser homogênea, uma cultura deve ter atingido uma certa idade e ter se tornado suficientemente forte em seu peculiar caráter para penetrar em todas as formas de vida. A cultura homogênea, todavia, não é, certamente, a mesma coisa que a cultura nativa. A Islândia antiga tinha uma cultura homogênea, embora seu florescimento tenha sido provocado exatamente pela ativa relação com a Europa; uma cultura homogênea existia na Itália na época da Renascença, na Inglaterra no século XVI, na França nos séculos XVII e XVIII, embora a Itália tenha construído sua cultura com base nas impressões gregas, romanas e espanholas, a França em elementos clássicos, celtas, espanhóis e italianos, e os ingleses, para além de todas as outras raças, sejam os mais misturados.

É verdade que faz apenas um século e meio que os alemães começaram a se libertar da cultura francesa, e dificilmente mais do que cem anos desde que escaparam inteiramente da escola dos franceses, cuja influência, contudo, pode ser rastreada ainda hoje; não obstante, ninguém pode negar com justeza a existência de uma cultura alemã, mesmo que ela ainda seja relativamente jovem e esteja em estado de crescimento. Nem ninguém que tenha noção do acordo entre a música alemã e a filosofia alemã, um ouvido

---

<sup>6</sup> Aqui Brandes se refere ao escrito de Eckermann sobre as conversações que teve com Goethe, que o último data como sendo de uma quinta-feira, dia 3 de maio de 1827. Cf. ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida 1823–183*. Traduzido por Mario Luiz Frungillo. — São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017. [N. do. T.].

para a harmonia entre a música alemã e poesia lírica alemã, um olho para os méritos e defeitos da pintura e da escultura alemãs, que são o resultado da mesma tendência fundamental que é revelada em toda a vida intelectual e emocional da Alemanha, está disposto, previamente, a negar à Alemanha uma cultura homogênea. Mais precário será o estado desses países menores, cuja dependência de nações estrangeiras não raramente tem sido uma dependência elevada à segunda potência.

Para Nietzsche, contudo, este ponto é relativamente de pouca importância. Ele está convencido de que a última hora das culturas nacionais está próxima, uma vez que não pode estar distante o tempo em que se tratará apenas de uma cultura europeia ou europeu-americana. Ele argumenta partindo do fato de que as pessoas mais altamente desenvolvidas, em todos os países, já se sentem europeias, compatriotas, ou melhor, como confederadas, e da crença de que o século XX deve trazer consigo a guerra pelo domínio do mundo.

Quando, portanto, do resultado dessa guerra, um tempestuoso vento varrer todas as vaidades nacionais, dobrá-las e quebrá-las, qual será, aí, a questão?

A questão será, então, pensa Nietzsche — precisamente conforme os mais eminentes franceses de nossos dias —, se a essa altura já foi possível formar ou criar uma espécie de casta de preeminentes espíritos que serão capazes de apoderar-se do poder central.

O real infortúnio é, por isso, não que um país ainda não tenha uma cultura genuína, homogênea e aperfeiçoada, mas que se considere culto. E com seus olhos postos sobre a Alemanha, Nietzsche pergunta como pode existir uma tão prodigiosa contradição como a que existe entre a falta de verdadeira cultura e a pretenciosa crença de realmente possuir a única verdadeira — e ele encontra a resposta na circunstância do surgimento de uma classe de homens que nenhum século anterior conheceu, e a qual (em 1873) ele denominou “cultura filistina”.

A cultura filistina considera sua própria educação impessoal como a cultura real; se lhe foi dito que a cultura pressupõe um tipo de mente homogênea, ela é confirmada em sua boa opinião de si mesma, visto que, em todos os lugares, encontra com pessoas educadas de sua própria espécie, e uma vez que escolas, universidades e academias estão adaptadas às suas necessidades e moldadas conforme o modelo correspondente ao seu cultivo. Já que ela encontra em quase todos os lugares as mesmas convenções tácitas com relação à religião, moralidade e literatura, no tocante ao casamento, à família, à comunidade e ao Estado, ela considera demonstrado que essa impositiva homogeneidade

seja cultura. Nunca lhe passa pela cabeça que esse filistinismo sistemático e bem organizado, estabelecido em todos os altos escalões e instalado em todas as redações, não é de modo algum feito cultura apenas porque seus órgãos estão em sintonia. Não é nem mesmo uma cultura ruim, diz Nietzsche; é a barbárie fortificada com o melhor de sua capacidade, mas completamente sem o frescor e a força selvagem da barbárie original; e ele tem muitas expressões gráficas para descrever o filisteísmo cultural, como o pântano no qual toda exaustão é rapidamente presa, e nas névoas venenosas nas quais todos os esforços definham.

Todos nós já nascemos na sociedade do filistinismo culto, e nela todos crescemos. Ela nos confronta com as opiniões predominantes, que adotamos inconscientemente; e mesmo quando as opiniões estão divididas, a divisão é apenas em opiniões partidárias — e opiniões públicas.

Um aforismo de Nietzsche diz: “O que é opinião pública? É indolência privada.”<sup>7</sup> A sentença requer qualificação. Há casos em que a opinião pública vale alguma coisa: John Morley escreveu um bom livro sobre o tema.<sup>8</sup> Face a certas violações grosseiras da fé e da lei, a determinadas violações monstruosas dos direitos humanos, a opinião pública pode, por vezes, afirmar-se como um poder digno de ser seguido. De outro modo, é, via de regra, uma fábrica trabalhando em benefício da cultura filistina.

Ao entrar na vida, então, os jovens encontram-se com várias opiniões coletivas mais ou menos tacanhas. Quanto mais o indivíduo tem em si a capacidade de se tornar uma personalidade real, mais ele resistirá em seguir um rebanho. Entretanto, mesmo que uma voz interna diga a ele: “Torne-se você mesmo! Seja você mesmo!”, ele ouve seu apelo com desânimo. Tem ele um “si mesmo”? Ele não sabe; ele ainda não está ciente disso.

Ele, assim, busca um professor, um educador, alguém que o ensinará, não algo estranho, mas como se tornar seu próprio ser individual.

---

<sup>7</sup> O autor cita o fragmento 482 do primeiro volume de *Humano, Demasiado Humano*, intitulado *Dizendo mais uma vez*. Nele, Nietzsche escreve: “Opiniões públicas — indolências privadas [Oeffentliche Meinungen — private Faulheiten]” Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. — São Paulo : Companhia das Letras, 2005 (MA I/HH I 482, KSA 2.316). [N. do. T.].

<sup>8</sup> John Morley foi um escritor e político inglês que trabalhou também na edição de jornais, como no liberal *Pall Mall Gazette*. É provável que Brandes esteja aludindo ao texto *On Compromise*, de 1874, cujo quinto capítulo, *The Realisation of Opinion*, é dedicado ao tema da opinião, abordando inclusive a questão da opinião pública. Cf. MORLEY, John. *On Compromise*. New York: Macmillan and Co., Limited, 1901. [N. do. T.].

Tivemos, na Dinamarca, um grande homem que, com impressionante força, exortou seus contemporâneos a tornarem-se indivíduos. Mas o apelo de Søren Kierkegaard não era para ser tomado tão incondicionalmente como parecia. Pois o objetivo foi fixado. Eles deveriam se tornar indivíduos não para desenvolver personalidades livres, mas, por esse meio, fazerem-se verdadeiros cristãos. Sua liberdade era apenas aparente; acima de tudo estava suspenso um “Tu deves acreditar!” e um “Tu obedecerás!” Mesmo como indivíduos, eles tinham um cabresto em volta do pescoço, e do outro lado da estreita passagem do individualismo, pela qual o rebanho era conduzido, o rebanho os aguardava novamente — um rebanho, um pastor.

Não é com essa ideia de renunciar imediatamente à sua personalidade que o jovem de nossos dias deseja se tornar ele mesmo e procura um educador. Ele não terá um dogma estabelecido diante dele, ao qual se espera que alcance. Mas ele tem uma desconfortável sensação de que está tomado por dogmas. Como ele pode encontrar a si mesmo, como ele pode se desenterrar de si mesmo? É aqui que o educador deve ajudá-lo. Um educador só pode ser um libertador.

Foi um educador libertador desse tipo que Nietzsche, quando jovem, procurou e encontrou em Schopenhauer. Tal educador será encontrado por todo aquele que busca, em seu período de desenvolvimento, na personalidade que tenha o efeito mais libertador sobre ele. Nietzsche diz que, assim que leu uma única página de Schopenhauer, sabia que leria cada uma de suas páginas e prestaria atenção a cada palavra, até mesmo aos erros que pudesse encontrar. Todo aspirante intelectual poderá nomear os homens que leu dessa maneira.

É verdade que, para Nietzsche, como para qualquer outro aspirante, restava mais um passo a ser dado, o de libertar-se do libertador. Encontramos em seus primeiros escritos certas expressões favoritas de Schopenhauer que não mais aparecem em seus trabalhos posteriores. Mas a libertação é aqui um desenvolvimento tranquilo para a independência, ao longo do qual ele mantém sua profunda gratidão; e não, como em suas relações com Wagner, uma violenta reviravolta que o leva a negar qualquer valor às obras que outrora considerava as mais valiosas de todas.

Ele elogia a elevada honestidade de Schopenhauer, ao lado da qual só pode colocar a de Montaigne, sua lucidez, sua constância, e a pureza de suas relações com a sociedade, Estado e religião estatal, que contrastam tão fortemente com as de Kant. Com Schopenhauer, nunca há concessão, nunca um flerte.

E Nietzsche se espanta com o fato de Schopenhauer poder suportar a vida na Alemanha. Um inglês moderno disse: “Shelley nunca poderia ter vivido na Inglaterra: uma raça de Shelleys teria sido impossível.”<sup>9</sup> Espíritos desse tipo cedo são partidos, e então tornam-se melancólicos, mórbidos ou insanos. A sociedade da cultura filistina faz da vida um fardo para os homens excepcionais. Exemplos disso ocorrem em abundância na literatura de todos os países, e o julgamento está sendo feito constantemente. Basta pensar no número de homens talentosos que mais cedo ou mais tarde pedem desculpas e fazem concessões ao filistinismo para poder existir. Porém, mesmo nos mais fortes, a luta vã e cansativa com a cultura filistina se mostra em traços e rugas. Nietzsche cita o ditado do velho diplomata, que tinha visto e falado apenas casualmente com Goethe: “*Voilà un homme qui a eu de grands chagrins*”<sup>10</sup>, e o comentário de Goethe, ao repeti-lo aos amigos: “Se os vestígios de nossos sofrimentos e atividades são indelévels até em nossas feições, não é de admirar que tudo o que sobrevive de nós e de nossas lutas tenha as mesmas marcas.”<sup>11</sup> E este é Goethe, que é visto como o favorito da fortuna.

Schopenhauer, como se sabe, foi, até seus últimos anos, um homem solitário. Ninguém o compreendeu, ninguém o leu. A maior parte da primeira edição de seu trabalho, *O mundo como vontade e como representação*, teve que ser vendida como papel reciclável.

Em nossos dias, a visão de Taine, de que o grande homem é inteiramente determinado pela época da qual é filho, de que ele a resume inconscientemente e conscientemente lhe dá expressão<sup>12</sup>, tem ganhado muito espaço. Mas, é claro, embora o grande homem não esteja fora do curso da história e deva sempre depender daqueles que o precederam, uma ideia, não obstante, sempre germina em um único indivíduo ou em alguns indivíduos; e esses indivíduos não são pontos dispersos na massa mais baixa, mas aqueles altamente dotados que atraem a massa para si em vez de serem por ela atraídos. O que é chamado o espírito da época se origina em um número bastante pequeno de cérebros.

---

<sup>9</sup> A citação é do jornalista inglês Walter Bagehot (1826 — 1877), que Nietzsche, inclusive, cita em *Schopenhauer como Educador*. (KSA 1.352).

<sup>10</sup> “Eis um homem que teve grandes tristezas.” [N. do T.].

<sup>11</sup> Nietzsche usa tal citação em sua Terceira Extemporânea, intitulada *Schopenhauer como Educador*. Cf. KSA 1.352

<sup>12</sup> O autor dessas linhas não fez de si mesmo um defensor dessa visão, como, às vezes, foi publicamente declarado, mas, ao contrário, se opôs a ela. Depois de alguma incerteza, me pronunciei contra ela já em 1870, em *Den franske Æsthetik i vore Dage*, pp. 105-106, e depois em vários outros lugares. [N. do A.].

Nietzsche, que, sem dúvida, por influência de Schopenhauer, ficou fortemente impressionado com a máxima de que o grande homem não é o filho de sua época, mas seu enteado, exige que o educador ajude os jovens a se educar *em oposição* à época.

Parece-lhe que a era moderna produziu, por imitação, três tipos particulares de homem, um depois do outro. Primeiro, o homem de Rousseau, o titã que se ergue, oprimido e preso pelas castas mais altas, e, em sua necessidade, invoca a natureza santa. E então, o homem de Goethe; não Werther ou as figuras revolucionárias relacionadas a ele, que ainda derivam de Rousseau, nem a figura original de Fausto, mas Fausto enquanto se desenvolve gradualmente. Ele não é um libertador, mas um espectador do mundo. Ele não é o homem de ação. Nietzsche nos lembra as palavras de Jarno a Wilhelm Meister: “Você está aborrecido e amargo, isso é uma coisa muito boa. Se você pudesse ficar completamente zangado de uma vez, seria melhor ainda.”<sup>13</sup>

Ficar completamente zangado a fim de fazer melhor as coisas será, na visão do Nietzsche de trinta anos, a exortação do homem de Schopenhauer. Este homem assume voluntariamente a dor de dizer a verdade. Sua ideia fundamental é essa: uma vida de felicidade é impossível; o mais alto que um homem pode alcançar é uma vida heroica, na qual ele luta contra as maiores dificuldades por algo que, de uma forma ou de outra, será para o bem de todos. Ao que é verdadeiramente humano, apenas os verdadeiros seres humanos podem nos elevar; aqueles que parecem ter surgido por um salto na natureza; pensadores e educadores, artistas e criadores, e aqueles que mais nos influenciam por sua natureza do que por sua atividade: o nobre, o bom em grande estilo, aqueles em quem o gênio do bem está em ação.

Esses homens são o objetivo da história.

Nietzsche formula tal proposição: “A humanidade deve trabalhar incessantemente para a produção de grandes homens solitários — esta, e nada mais, é sua tarefa.”<sup>14</sup> Esta é a mesma fórmula à qual chegaram vários espíritos aristocráticos entre seus contemporâneos. Assim diz Renan<sup>15</sup>, quase que com as mesmas palavras: “Em suma, o objetivo da humanidade é a produção de grandes homens... nada além de grandes homens;

---

<sup>13</sup> Cf. GOETHE, J. W. *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister*; tradução Nicolino Simone Neto. — São Paulo : Ensaio, 1994. Livro VIII, Cap. 5. p. 532.

<sup>14</sup> Brandes cita a Segunda Extemporânea, possivelmente o trecho encontrado na nona parte do livro, na qual lemos: “Não, o objetivo da humanidade não se encontra no fim, mas só nos seus exemplares superiores.” Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de André Luís Mota Itaparica. — São Paulo : Hedra, 2014 (KSA 1.317). [N. do. T.].

<sup>15</sup> Ernest Renan (1823 — 1892) foi um historiador, filósofo, filólogo e teólogo francês. [N. do. T.].

a salvação virá de grandes homens.”<sup>16</sup> E vemos nas cartas de Flaubert a George Sand o quanto convicto ele estava da mesma coisa. Ele diz, por exemplo: “A única coisa racional é e sempre será um governo de mandarins, desde que os mandarins possam fazer algo, ou melhor, possam fazer muito... Pouco importa que um número maior ou menor de camponeses saiba ler em vez de ouvir seu padre, mas é infinitamente mais importante que muitos homens como Renan e Littré<sup>17</sup> possam viver e ser ouvidos. Nossa salvação repousa agora em uma real aristocracia.”<sup>18</sup>

Tanto Renan quanto Flaubert teriam concordado com a ideia fundamental de Nietzsche, de que uma nação é o caminho indireto que a natureza percorre para produzir uma dúzia de grandes homens.

Contudo, embora não falte defensores dessa ideia, isso não a torna um pensamento dominante na filosofia europeia. Na Alemanha, por exemplo, Eduard von Hartmann pensa muito diferentemente sobre o objetivo da história. Suas declarações publicadas sobre o assunto são bem conhecidas. Em uma conversa, certa vez, ele deixou entrever como uma ideia sua havia se originado: “Estava claro, para mim, há muito tempo”, disse ele, “que a história, ou, para usar uma expressão mais ampla, o processo mundial, deve ter um objetivo, e que esse objetivo só poderia ser negativo. Pois uma idade de ouro é uma invenção muito tola.”<sup>19</sup> Daí suas visões de uma destruição do mundo voluntariamente provocada pelos mais talentosos homens. E, ligada a isso, está sua doutrina de que a humanidade agora alcançou o estado do homem, ou seja, ela passou do estágio de desenvolvimento em que os gênios eram necessários.

Face a todo esse diálogo sobre o processo mundial, cujo processo é a aniquilação ou libertação — libertação até mesmo da divindade sofredora da existência — Nietzsche assume uma posição muito sóbria e sensata com sua simples crença de que o objetivo da humanidade não deve ser infinitamente adiado, mas deve ser encontrado nos mais elevados exemplos da própria humanidade. E, com isso, ele chegou à sua resposta final posta pela pergunta: o que é cultura? Afinal, dessa relação depende a ideia fundamental

---

<sup>16</sup> Nesse trecho, a referência do autor são os *Dialogues et Fragments Philosophiques*, de Ernest Renan, publicados em 1876. A citação usada pelo autor refere-se ao terceiro diálogo filosófico, intitulado *Rêves*. Cf. RENAN, Ernest. *Dialogues et Fragments Philosophiques*. Troisième Édition. Paris : Calmann Lévy, Éditeur. p. 103. [N. do. T.].

<sup>17</sup> Émile Maximilien Paul Littré (1801 — 1881), foi um filósofo e lexicógrafo francês [N. do T.].

<sup>18</sup> A carta de Flaubert enviada a George Sand é de abril de 1871. E pode ser lida na íntegra na obra: FLAUBERT, Gustav. SAND, George. *The George Sand-Gustave Flaubert Letters*. Translated by A.L. McKenzie. Introduction by Stuart Sherman. Nabu Press, 2010. p. 130. [N. do. T.].

<sup>19</sup> Karl Robert Eduard Hartmann (1842 — 1906) foi um filósofo alemão, conhecido sobretudo por sua obra *Filosofia do Inconsciente*, publicada em 1869. A referência específica da citação que Brandes faz de Hartmann não foi encontrada.

de cultura e os deveres que ela impõe. Ela me impõe o dever de me associar, por minha própria atividade, aos grandes ideais humanos. Sua principal ideia é esta: ela atribui a todo indivíduo que anseia trabalhar para ela e participar dela a tarefa de se esforçar para produzir, dentro e fora de si, o pensador e o artista, o amante da verdade e da beleza, a pura e boa personalidade e, desse modo, vai trabalhando para a perfeição da natureza, em direção ao objetivo de uma natureza perfeita.

Quando prevalece um estado de cultura? Quando os homens de uma comunidade estão trabalhando firmemente para a produção de grandes homens únicos. Deste mais elevado objetivo, seguem-se todos os outros. E qual estado está mais distante de um estado de cultura? Aquele no qual os homens resistem energicamente e com unidas forças ao aparecimento dos grandes homens, em parte impedindo o cultivo do solo necessário para o crescimento do gênio, em parte opondo-se obstinadamente a tudo na forma do gênio que entre eles aparece. Tal estado está mais distante da cultura do que o da pura barbárie.

Mas tal estado existe?, alguém talvez pergunte. A maioria das nações menores poderá ler a resposta na história de sua terra natal. Ali, ver-se-á que, à medida que cresce o “refinamento”, em que é difundida a atmosfera refinada, ela é desfavorável ao gênio. E isso é tanto mais grave, dado que muitas pessoas pensam que, nos tempos modernos e nas raças que agora compartilham o domínio do mundo entre si, uma comunidade política de apenas alguns milhões raramente é suficientemente numerosa para produzir mentes de primeira ordem. Parece que os gênios só podem ser destilados a partir de cerca de trinta ou quarenta milhões de pessoas. A Noruega com Ibsen e a Bélgica com Maeterlinck<sup>20</sup> e Verhaeren<sup>21</sup> são exceções. Mais uma razão para que as comunidades menores trabalhem na cultura em sua capacidade máxima.

Nos últimos tempos, nos familiarizamos com o pensamento de que o objetivo a ser almejado é a felicidade, a felicidade de todos, ou, pelo menos, a do maior número. Em que consiste a felicidade é menos discutido e, todavia, é impossível evitar a questão de, se um ano, um dia, uma hora no Paraíso não trazem mais felicidade do que uma vida inteira ao lado do fogão a lenha. No entanto, seja como for, em virtude da nossa familiaridade com a noção de fazer sacrifícios por um país inteiro, por uma multidão de

---

<sup>20</sup> Maurice Maeterlinck (1862 — 1949) foi um poeta, dramaturgo e ensaísta, famoso por ser o principal divulgador do teatro simbolista. [N. do T.].

<sup>21</sup> Émile Verhaeren (1855 — 1916) atuou como poeta, crítico literário, mas escreveu também peças de teatro e contos. [N. do T.].

peçoas, parece irracional que um homem exista por causa de alguns outros homens, que seja seu dever dedicar sua vida a eles para, dessa forma, promover a cultura. Porém, a resposta à questão da cultura — de como a vida humana individual pode adquirir seu mais alto valor e seu maior significado — deve ser: ela precisa ser vivida em proveito dos mais raros e valiosos exemplares da raça humana. Esta será também a maneira pela qual o indivíduo pode melhor atribuir um valor à vida do maior número.

Em nossos dias, uma chamada instituição cultural significa uma organização em virtude da qual os “cultos” avançam em fileiras cerradas e põem de lado todos os homens solitários e obstinados cujos esforços são direcionados para fins superiores; portanto, mesmo os eruditos, via de regra, carecem de qualquer sentido para o gênio nascente e de qualquer sentimento pelo valor do gênio contemporâneo em luta. Assim sendo, em que pese o progresso indiscutível e inquieto em todos os departamentos técnicos e especializados, as condições necessárias para o aparecimento de grandes homens estão tão longe de melhorar, e a aversão ao gênio mais aumentou do que diminuiu. Do Estado, o indivíduo excepcional não pode esperar muito. Ele raramente é beneficiado por lhe prestar serviço; a única vantagem garantida que ele pode dar é a completa independência. Apenas a verdadeira cultura impedirá que ele se canse ou se esgote demasiadamente cedo e o poupará da exaustiva luta contra o filisteísmo cultural.

O valor de Nietzsche está em ser um desses veículos de cultura: uma mente que, ela mesma independente, difunde a independência e pode se tornar para outros uma força libertadora, como Schopenhauer foi para o próprio Nietzsche em sua juventude.

*Recebido em 13/03/2022*

*Aprovado em 19/07/2023*